

## **A Relação entre as Características Sociodemográficas e a Preferências por Técnicas de Ensino por Estudantes de Cursos Superiores de Ciências Sociais**

**Autoria:** Felipe Augusto Pereira, Daniel Lins, Ronei Picarte, Rita Rovai Castellan

### **Resumo**

Este artigo é o resultado de uma pesquisa que teve como objetivo principal identificar a existência de associação entre a preferência por técnicas de ensino e as características sociodemográficas de estudantes de cursos de ciências sociais. Para tanto, foi realizado um estudo de caráter bibliográfico exploratório, para a identificação das técnicas a serem pesquisadas, seguido de uma análise quantitativa com 89 discentes, com o intuito de identificar as relações. Entre as características sociodemográficas abordadas, estavam o gênero, idade, estado civil, renda, tipo de instituição, turno, período, horas de estágio, horas de trabalho, horas de iniciação científica, posse de bolsa de estudos, cotas e horas de estudo em casa. Foram analisadas 21 técnicas de ensino: aulas expositivas, estudos de caso, leituras antes das aulas, leituras durante as aulas, painéis, oficinas/workshops, jogos empresariais, dinâmicas de grupo, seminários de alunos, filmes, músicas, discussões em sala, visitas a empresas, leituras de artigos científicos, livro texto predeterminado, palestrantes, solução de problemas, pesquisas na Internet, apresentações Power Point, transparências/retroprojeter e uso exclusivo do quadro. Dessas técnicas, as preferidas pelos alunos foram os estudos de caso, aulas expositivas, aulas baseadas na solução de problemas, discussões em sala, visitas a empresas e as oficinas/workshops, respectivamente. As menos apreciadas foram aulas com uso exclusivo de quadro, leituras durante as aulas, aulas com retroprojeter, seminários apresentados pelos alunos e músicas, respectivamente. As 21 técnicas foram agrupadas em 08 fatores através de análise fatorial: Aulas expositivas e atividades participativas; Jogos e dinâmicas; Leitura prévia; Audiovisuais; Apresentações do professor e pesquisas na Internet; Painéis; Solução de problemas e Uso exclusivo de quadro. Testes de correlação desses fatores com variáveis sociodemográficas mostram a existência de correlação negativa entre a idade dos alunos e sua preferência por aulas expositivas e atividades participativas; correlação negativa entre o período em que o aluno se encontra e sua preferência por jogos e dinâmicas; correlação negativa entre as horas de estágio e a preferência por leituras prévia; e correlação positiva entre as horas de estudo em casa e as preferências por leitura prévia e uso exclusivo de quadro. As variáveis renda per capita e horas de trabalho por semana não apresentaram correlação com nenhum dos fatores. Testes de diferenças de médias mostram que a preferência pelas técnicas de ensino não variam de acordo com o gênero dos discentes. Em contrapartida, a preferência pelas técnicas variou de acordo com o tipo de instituição (privada ou pública) e com o turno em que o discente estuda (manhã ou noite). Os resultados obtidos indicam que, a partir da análise dos aspectos sociodemográficos dos discentes, os docentes podem lançar mão de técnicas que têm maior aceitação, adaptando-se às contingências e potencializando assim a aprendizagem.

## 1 Introdução

Na sociedade contemporânea, a informação e o conhecimento assumem um papel ímpar (KUMAR, 2006) e a educação é o caminho através do qual a formação da população é concretizada, tanto do ponto de vista técnico, como de cidadania. Quanto maior o nível de educação dos indivíduos de uma nação, maiores as chances dela se destacar econômica e socialmente. Nesse contexto, o ensino superior, que tem sido fortemente criticado (CHAUÍ, 2001; TRINDADE, 2003), desempenha um importante papel, a partir do momento em que tem se popularizado no Brasil e cada vez mais pessoas têm tido acesso a ele (TRINDADE, 2003).

Nas últimas décadas, houve um grande aumento na oferta por cursos no ensino superior e, dentro dessa dinâmica, não há mais lugar para o professor que pretenda ser apenas um transmissor do conhecimento, pois qualquer recurso tecnológico cumprirá esse papel (MALUSÁ, 2004). Esse contexto obriga os docentes a considerarem características importantes da sua turma, como o perfil demográfico, sócio-econômico, suas preferências, seus estilos de aprendizagem, dentre outros. A compreensão das particularidades e o atendimento das preferências dos discentes favorecem resultados positivos na educação de adultos (KNOWLES et al, 2005).

A qualidade da educação e o desempenho da aprendizagem dos discentes são influenciados por vários fatores, como as instituições, os professores, os discentes e as técnicas de ensino utilizadas. As instituições definem os padrões e o ambiente contextual em que as atividades acadêmicas serão realizadas. Os professores são, na perspectiva mais tradicional, os responsáveis por “levar” o conhecimento com o aluno, que por sua vez, o retêm. Esse processo é realizado através das técnicas de ensino, compreendidas como os meios materiais utilizados na confecção da arte de ensinar (MASETTO, 2003).

A literatura apresenta uma diversidade de técnicas, como aulas expositivas, debates, estudos de caso, dinâmicas de grupo, leituras, recursos audiovisuais, entre vários outros. Diante de cada disciplina a ser ministrada, o professor deve ter uma postura reflexiva na preparação de seu plano de curso e durante as aulas, adequando-as através da reflexão na ação (SCHÖN, 2000). Segundo Masetto (2003), as técnicas de ensino devem ser utilizadas contextualmente, de acordo com aspectos como os objetivos de aprendizagem, as características dos grupos de alunos e ambiente da sala de aula.

Um elemento muito abordado pela literatura quanto às preferências e comportamento dos discentes é o seu perfil. Estudos como Campos et al (2009), Gomes et al (2009), Lacerda et al (2008), Reis e Paton (2009) e Valente et al (2006), abordam esse aspecto de diversas perspectivas, como os estilos de aprendizagem dos discentes, suas competências, motivação e atributos e práticas pedagógicas que valorizam.

Knowles et al (2005) apontam que os adultos têm necessidades de entender como colocarão em prática os ensinamentos ministrados em sala de aula e que sua experiência anterior tem papel fundamental no seu processo de aprendizagem. Isto significa que, quando formam grupos, os adultos são mais heterogêneos em conhecimentos, necessidades, interesses e objetivos. Por outro lado, uma rica fonte de consulta estará presente no somatório das experiências dos participantes. Esta fonte poderá ser explorada através de métodos experienciais, como discussões de grupo, exercícios de simulação, aprendizagem baseada em problemas e discussões de casos.

Outro aspecto a ser levado em consideração na seleção das técnicas de ensino é o fato de que muitos alunos voltam às bancas escolares depois de acumularem certa experiência profissional. Muitos conciliam trabalho e estudo, e, nesses casos, têm que lidar com o cansaço provocado pelas atividades profissionais. Além disso, muitos adultos têm padrões mentais já

consolidados, o que em certos aspectos faz com que seja mais desafiante o processo de adequação.

Conhecendo o perfil do discente, suas características pessoais como idade, gênero e suas preferências em relação à diversidade de técnicas existentes, o professor poderá optar por um método de ensino que seja mais aceito ou que gere os melhores resultados em termos de aprendizagem, de uma forma mais consistente. Nesse contexto, este artigo objetiva analisar as preferências dos discentes em termos de técnicas de ensino e relacioná-las com suas características pessoais, especificamente os aspectos sociodemográficos. Para tanto, na próxima sessão, serão apresentadas as técnicas comumente utilizadas no ensino superior; em seguida, será exposto o método utilizado na pesquisa, seus resultados e, por fim, são tecidas algumas considerações finais.

## 2 Técnicas de ensino em ciências sociais

As vantagens e desvantagens das diversas técnicas existentes na literatura estão diretamente relacionadas às características da turma. Portanto, uma aula expositiva, um debate com a classe toda, a aplicação de um estudo de caso, o ensino por pesquisa, por projetos, dramatização, dinâmicas de grupo, leituras, recursos audiovisuais, visitas técnicas e aulas práticas deverão ser aplicadas mediante o conhecimento do contexto, do perfil dos discentes e da disciplina em que esta sendo ministrada (MASETTO, 2003).

As aulas expositivas são a forma mais comum de ensino nas ciências sociais. Em geral, consistem na apresentação verbal do professor a um grupo de estudantes, com pouca atividade aberta e baixa interação entre eles, que ocorre normalmente com a interrupção do professor por comentários e perguntas (MARION, 2007). Pode-se alegar a seu favor que uma boa exposição combina o talento de pesquisador, escritor, produtor, animador, repórter, conferencista, comediante e professor, porém é pouco provável que um docente do Ensino Superior consiga reunir todas essas características e garantir uma exposição de alta qualidade (GIL, 2009).

Dentre os fatores que explicam a sua ampla utilização no Ensino Superior estão a economia, considerando a quantidade de alunos em sala de aula; a flexibilidade uma vez que o docente pode adaptá-la a diversos perfis do alunado; versatilidade, podendo ser utilizada para a transmissão de conhecimentos de diferentes disciplinas; e a ênfase dada ao conteúdo, podendo ser ministrada por especialistas que não dominem de maiores habilidades pedagógicas (GIL, 2009). Por ser um dos métodos mais tradicionais de ensino, é objeto de crítica por parte de muitos educadores. Dependendo do grau de autoritarismos do docente, perguntas chegam a ser indesejáveis, pois podem “quebrar” o ritmo da exposição (GODOY, 1988).

O ensino de caso consiste em uma estratégia que favorece a aprendizagem dos discentes, a partir de uma perspectiva baseada em problemas. Sua dinâmica se dá a partir de situações reais com a finalidade de promover nos alunos o desenvolvimento de habilidades através da experiência, de modo que os estudantes agem para resolver a problemática apresentada no caso elaborado e/ou selecionado pelo professor. Levando em consideração a participação ativa dos alunos quando do uso dessa abordagem, eles tornam-se responsáveis por sua própria aprendizagem, enquanto o professor assume o papel de facilitador/mediador do processo (GIL, 2009).

Na técnica de seminários, os alunos se inserem no processo de aprendizagem participando de sua construção, através de apresentações em sala de aula. Em geral, os seminários seguem um processo: um coordenador fornece aos participantes um roteiro; o roteiro é analisado e pesquisado em grupo; há a apresentação da temática por um dos grupos para os demais; o relator dos grupos participantes apresenta as conclusões obtidas; o professor

avalia as atividades dos grupos e sintetiza as conclusões (MARION, 2007). Apesar disso, essa técnica costuma ser mal empregada. É comum que solicitem aos alunos resumos de capítulos e a apresentação de seus temas sem a sua interferência, o que descaracteriza a técnica (MASETTO, 2003).

As discussões e debates em sala têm se tornado cada vez mais importantes, por permitirem que os alunos processem informações e reflitam sobre as mesmas, evitando uma postura puramente passiva (MARION, 2007; MASETTO, 2003). Assim, os discentes têm a oportunidade de exprimir sua opinião sobre as temáticas discutidas, o que funciona bem tanto em turmas grandes, quanto pequenas. Gil (2006) adverte que a qualidade no uso dessa técnica depende da maneira como ela é preparada e também da competência do docente, pois exige não apenas habilidades comunicativas, mas também o exercício da liderança, já que a interação professor-aluno é fundamental para o seu sucesso. Ainda para esse autor, as discussões e debates são a técnica mais adequada para o ensino universitário, e o docente que faz uso dela é reconhecido como mais democrático. Apesar desses méritos, há críticas a esse método, como a “perda de tempo”, a abdicação da responsabilidade de ensinar e até mesmo seu uso como forma de dissimular incompetência pedagógica.

Os filmes são uma ferramenta utilizada para a exploração de temas e têm como principal ponto positivo seu caráter de entretenimento (MARION, 2007). O autor ressalta algumas de suas limitações, como a possibilidade de se levantarem muitos tópicos ou a perda de oportunidade de aproveitamento caso não sejam preparadas questões para discussão após a apresentação. Masetto (2003) aponta algumas preocupações que o professor deve ter quando adotá-los, em especial com relação à estrutura física necessária, em termos de equipamentos e sala.

As visitas técnicas consistem em conduzir grupos de discentes para visitar organizações ou ambientes que ofereçam situações de aprendizagem. Segundo Masetto (2003), a experiência permite que discentes desenvolvam capacidades cognitivas, de habilidades e de valores ou atitude, de modo que constituem uma rica abordagem. Apesar disso, requer a preparação dos alunos com relação a suas observações e registro, condução da visita e exigência de algum relatório posterior.

As leituras são uma importante técnica para gerar autonomia nos alunos, uma vez que permite a aprendizagem sem a necessidade de outros indivíduos e a ampla variedade de materiais impressos faz com que a atribuição de leitura se torne mais acessíveis aos alunos, e ainda possibilita que o engajamento nessa atividade se ajuste às diferenças individuais do alunado (GIL, 2009). Oliveira e Santos (2005) apresentam a correlação existente entre sua prática e o desempenho de alunos dos cursos de administração, direito e psicologia. Apesar de sua efetividade, são comuns reclamações dos docentes quanto à não colaboração dos alunos com relação a essa técnica (MASETTO, 2003).

Os jogos empresariais têm como princípio básico a tentativa de reprodução dos principais desafios da gestão empresarial, através de uma seqüência de tomada de decisões em um ambiente digital. Nesse contexto, o aluno se coloca como administrador e presencia complexas situações de negócio nas quais pode experimentar novas estratégias para verificar o que acontece, aplicando neste processo o conteúdo teórico abordado em disciplinas que compõem a sua formação (FREITAS; SANTOS, 2005).

A pesquisa na Internet é uma técnica cada vez mais utilizada em todos os níveis de ensino, considerando a presença tão marcante da tecnologia em nosso cotidiano. Apesar de estimular o aprendizado, abrindo novas dimensões de acesso a informações, além de uma troca dinâmica de idéias através das redes sociais, essa técnica exige um cuidado especial por parte dos docentes. Diante de tantas possibilidades de busca, a navegação se torna mais sedutora do que o necessário trabalho de interpretação. Os alunos se perdem diante de tantas conexões possíveis, de imagens e textos que se sucedem ininterruptamente. Colocam os dados

em seqüência mais do que em confronto. Copiam os endereços, os artigos uns ao lado dos outros, sem a devida triagem (MORAN; MASETTO; BEHRENS; 2009).

Como estratégia pedagógica, a dinâmica de grupo proporciona momentos nos quais o grupo vivencia situações inovadoras em todos os níveis. São instrumentos utilizados para impulsionar a ação em determinada direção. Ao confrontar valores, comportamentos, conhecimentos e hábitos, espera-se que os participantes sejam levados a uma avaliação e reelaboração individual evolutiva, potencializando o grupo no aprimoramento da construção do conhecimento e da prática social (GIL, 2009).

A técnica de painel, segundo Plebani e Domingues (2009), é uma técnica de discussão, na qual os apresentadores realizam uma comunicação sobre um assunto-problema a partir de diferentes pontos de vista frente a uma audiência, que dela participa, oralmente, na fase de perguntas e respostas. Não é apenas uma conversa comum, nem um debate, mas a consideração, por um grupo de pessoas, de um assunto sobre o qual há diferenças de opiniões. Tem como finalidade a propagação de novas idéias, oportunidade de ouvirem ou apresentarem experiência e pontos de vista, definir pontos de acordo e áreas de desacordo e ainda estimula os participantes a enfrentarem um assunto controvertido e a unir-se no processo de solução de problemas.

A maioria das técnicas de ensino utiliza-se de recursos instrucionais que contribuem para tornar a aula mais agradável, manter a atenção do aluno e facilitar o processo de ensino e aprendizagem com a demonstração de esquemas ilustrados, vídeos, imagens, fotos, música entre outros. Entre os recursos mais usados estão os retroprojetores, com a visualização de transparências, que estão caindo em desuso, computadores e exposições multimídias (PowerPoint, vídeo, áudio), filmes e músicas. Esses recursos, relacionados com a tecnologia da informação e comunicação, permitem ao professor criar situações significativas de aprendizagem (PLEBANI, DOMINGUES, 2009).

### 3 Método

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizado um estudo de caráter exploratório/descritivo. A etapa exploratória, que serve de base para a formulação de hipóteses, isolando variáveis e relações para análises descritivas (MARCONI e LAKATOS, 2002), foi realizada através da revisão de literatura seguida da elaboração do instrumento de coleta de dados, que captura informações sociodemográficas dos discentes e suas preferências em termos de técnicas de ensino. A etapa descritiva teve como foco principal a exposição de um fenômeno (MALHOTRA, 2006), nesse caso, a preferência das técnicas de ensino pelos estudantes. A pesquisa foi conduzida de acordo com o desenho metodológico da Figura 1:



Figura 1 – Desenho metodológico da pesquisa

A população analisada é formada pelos estudantes de graduação de cursos da área de ciências sociais de Recife, Pernambuco. A seguir, cada uma das etapas da pesquisa mostradas na Figura 1 será apresentada e seus detalhes serão apresentados.

### 3.1 Elaboração do questionário

A elaboração do questionário ocorreu a partir de levantamento bibliográfico, consulta a especialistas e *brainstorming* dos pesquisadores. Inicialmente foram identificadas características sociodemográficas que podem influenciar preferências, atitudes e motivações de discentes. Foi gerada uma lista com 19 variáveis, que são apresentadas no Quadro 1:

Gênero	Idade	Estado civil
Número de moradores na residência	Renda familiar	Renda individual
Instituição	Turno	Período que cursa
Períodos totais do curso	Estágio?	Horas de estágio
Trabalha?	Horas de trabalho	Faz iniciação científica?
Horas de iniciação científica	Possui bolsa de estudos?	É cotista?
Horas de estudo em casa		

**Quadro 1 – Técnicas utilizadas no ensino superior em ciências sociais**

Em seguida, foram identificadas na literatura as técnicas de ensino que são aplicadas na área das ciências sociais. Ao todo, foram elencadas 21 técnicas, mostradas no Quadro 2:

Aulas expositivas	Estudos de caso	Leituras antes das aulas
Leituras durante as aulas	Painéis	Oficinas/workshops
Jogos empresariais	Dinâmicas de grupo	Seminários de alunos
Filmes	Músicas	Discussões em sala
Visitas a empresas	Leituras de artigos científicos	Livro texto predeterminado
Palestrantes	Solução de problemas	Pesquisas na Internet
Apresentação Power Point	Transparências/Retroprojeto	Uso exclusivo do quadro

**Quadro 2 – Técnicas utilizadas no ensino superior em ciências sociais**

Para cada uma das questões acima, foi utilizada uma escala Likert de cinco pontos, codificadas de 01 a 05, com os seguintes valores: discordo totalmente (01), discordo parcialmente (02), não concordo nem discordo (03), concordo parcialmente (04) e concordo totalmente (05).

### 3.2 Coleta dos dados

A amostra foi obtida acidentalmente e a coleta foi realizada no mês de julho/2010, tanto presencialmente, quanto através da Internet. A coleta presencial foi realizada com questionários impressos pelos próprios pesquisadores, nas seguintes instituições de ensino superior: Faculdade Estácio do Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Católica de Pernambuco e Faculdade Maurício de Nassau.

A coleta através da Internet foi realizada através do envio por e-mail do arquivo do questionário no formato do Microsoft Word. O envio foi realizado por um dos pesquisadores para seus alunos, que pertenciam às seguintes instituições: Universidade de Pernambuco, Faculdade Estácio do Recife, Faculdade para o Desenvolvimento de Pernambuco e Faculdade Santa Helena. Não é possível definir o número de alunos que recebeu o e-mail, uma vez que entre os destinatários, havia listas de e-mails de turmas, cujas mensagens enviadas são

encaminhadas a todos os alunos inscritos. Alguns alunos enviaram e-mails a colegas, caracterizando uma estratégia de bola de neve.

Ao todo, foram obtidos 101 questionários, dos quais 12 foram descartados por problemas no preenchimento dos dados ou pelos alunos não fazerem parte da população (alunos de ensino superior de cursos de ciências sociais). Assim, a análise foi realizada com 89 questionários válidos, utilizando o software SPSS, versão 14.

### 3.3 Análise descritiva

Para conhecer o perfil dos respondentes foi realizada a análise descritiva das variáveis sociodemográficas, incluindo distribuição de frequência e média, máximo, mínimo e desvio padrão, quando aplicável. Além disso, foi analisada a preferência dos alunos no tocante às técnicas de ensino. Apesar das variáveis que mediram as preferências didáticas dos discentes serem ordinais (discordo totalmente, discordo parcialmente, não concordo nem discordo, concordo parcialmente e concordo totalmente), elas foram codificadas numericamente (1-5, quanto maior o valor, maior o grau de concordância). Assim, foi realizada a análise da média, para fins de obtenção de uma visão geral da preferência dos alunos, apresentada na seção de Resultados.

### 3.4 Análise de confiabilidade

Após a análise descritiva, foi calculado o Alfa de Cronbach para as variáveis que medem as técnicas de ensino, para testar a confiabilidade da escala. Segundo Malhotra (2006), um alfa de Cronbach superior a 0,6 é aceitável em estudos de administração. Em geral, fatores como falha na construção da escala ou problemas de amostragem podem afetar a sua validade, incluindo-se aí a possibilidade dos respondentes não compreenderem corretamente as alternativas ou simplesmente responderem itens sem prestar a devida atenção.

A análise foi realizada utilizando as 21 variáveis e o alfa obtido foi 0,743, indicando boa confiabilidade na escala. Desse modo, não foi necessário excluir nenhuma variável do instrumento de coleta antes da análise.

### 3.5 Análise fatorial

Para reduzir o número de variáveis para a realização das análises posteriores, foi realizada a análise fatorial. Foi utilizada a rotação *varimax*, conforme recomendação de Field (2005), que afirma que essa é uma boa abordagem geral que simplifica a interpretação dos fatores.

Devido ao tamanho da amostra (89 indivíduos), consideraram-se apenas as cargas superiores a 0,55; Field (2005) recomenda uma carga mínima de 0,512 para uma amostra maior que 100 indivíduos e 0,722 para 50. Para a extração dos fatores, foram considerados os *eigenvalues* superiores a 1, conforme recomendação de Kaiser, padrão do SPSS. Para tratamento dos *missing values*, foi utilizada a exclusão *pairwise*. Os *scores* dos fatores foram gravados como novas variáveis na matriz, para que fossem utilizados nas análises posteriores.

Apesar de alguns autores apontarem uma razão mínima entre o número de indivíduos e o de variáveis, condição não atendida nesse estudo, em que há 21 variáveis e 89 indivíduos, MacCallum et al (1999 apud FIELD, 2005) apontam que mesmo com menos de 100 casos, a análise fatorial pode ser realizada adequadamente comunalidades acima de 0,6, condição que foi atendida na análise realizada.

### 3.6 Análise de correlações

Após a análise fatorial, foram realizadas análises de correlações, para identificar a associação entre os fatores relativos às técnicas de ensino e as variáveis sociodemográficas. As associações foram realizadas através do teste não-paramétrico de Spearman, adequado às variáveis ordinais ou numéricas sem normalidade (FIELD, 2005).

As variáveis utilizadas foram idade, renda per capita (renda familiar dividida pelo número de moradores na residência), período, horas semanais de estágio, horas semanais de trabalho e horas de estudo em casa. A variável horas de iniciação científica não foi utilizada, pois na amostra, havia poucos alunos que fazem esse tipo de atividade.

### 3.7 Diferenças de médias

Após a análise de correlações, foram realizados testes de diferenças de médias para identificar se há diferença na preferência pelas técnicas de acordo com grupos formados pelas variáveis nominais. Foram utilizadas três variáveis: gênero (homem, mulher), tipo de instituição (pública, privada) e turno (manhã, noite). As variáveis estado civil, iniciação científica, cotas e bolsas não foram utilizadas por haver predominância de solteiros, discentes que não fazem iniciação científica, não cotistas e não bolsistas. As variáveis nominais referentes às atividades de estágio e trabalho não foram utilizadas, pois essas atividades já foram exploradas na análise de correlações com escalas de razão.

Como as variáveis cujas médias foram testadas não são gaussianas, foi utilizado o teste não paramétrico para amostras independentes Mann-Whitney U.

## 4 Análise dos Resultados

A seguir, serão apresentados e discutidos os resultados das análises dos dados. Inicialmente, serão expostos os dados descritivos, tanto demográficos, quanto com relação às preferências pelas técnicas de ensino. Em seguida, serão apresentados os resultados da análise fatorial, das correlações e, por fim, das diferenças entre médias.

### 4.1 Descrição

Na amostra pesquisada, havia 44 homens (49,4%) e 45 mulheres (50,6%). Em geral, eles eram jovens, com média de 21,76 anos, desvio padrão de 3,53, e idade variando entre 17 a 36 anos e 85,4% deles possuindo entre 18 e 24 anos. Com relação ao estado civil e moradia, há predomínio de indivíduos solteiros (92,2%) e 93,3% residem em residência com 02 a 05 moradores (incluindo o próprio pesquisado). Com relação à renda, a média e desvio padrão da remuneração dos alunos é de R\$ 589,38 e R\$ 850,51, respectivamente, enquanto as de sua família, R\$ 6388,46 e R\$ 5280,77, respectivamente.

Com relação aos dados acadêmicos, 36,7% dos respondentes são alunos da Universidade Federal de Pernambuco, seguidos por 28,9% da Estácio do Recife, 11,1% da Universidade de Pernambuco e 10% da Universidade Católica de Pernambuco. Os demais pertencem a outras instituições ou não informaram. A maioria dos pesquisados estudam à noite (66,7%), 24,4%, pela manhã, 4,4%, à tarde e 3,3%, em turnos múltiplos ou variados. Com relação ao período, a amostra está bem distribuída do primeiro ao último período do curso. 11 alunos afirmaram possuir bolsas de estudo, enquanto 2 são cotistas. Com relação às horas semanais de estudo em casa, a média é de 8,22 horas, com desvio padrão de 7,73 e variação de 0 horas a 40 horas, embora grande parte (76,8%) estude entre 1 e 10 horas semanais. Por fim, 05 alunos fazem iniciação científica.

No tocante às atividades extra-acadêmicas, 26 alunos estagiam, enquanto 21 trabalham. A carga horária semanal de estágio varia de 12 a 30 horas, com predomínio de 20 a 30 (84% dos que estagiam). A carga horária semanal de trabalho varia de 10 a 44 horas, com predomínio de 40 e 44 horas (75% dos que trabalham). Considerando as duas atividades, há 41 alunos, com ocupação variando de 12 a 52 horas semanais.

Analisando a preferência pelas técnicas de ensino, podemos observar grande variação na apreciação por parte dos discentes, conforme apresentado na Tabela 1:

**Tabela 1 – Análise Descritiva das Preferências pelas Técnicas de Ensino**

	Média	Desvio Padrão
Estudos de Caso	4,47	0,76
Aulas Expositivas	4,44	0,75
Solução de Problemas	4,44	0,64
Discussões em Sala	4,42	0,85
Visitas a Empresas	4,39	0,89
Oficinas/Workshops	4,38	0,91
Palestrantes	4,18	0,73
Jogos Empresariais	4,10	1,03
Apresentação Power Point	4,10	0,83
Dinâmicas de Grupo	3,98	1,22
Pesquisas na Internet	3,81	0,96
Filmes	3,67	1,15
Painéis	3,66	0,96
Leitura de Artigos Científicos	3,65	1,05
Livro Texto Predeterminado	3,63	1,19
Leituras Antes das Aulas	3,60	1,13
Músicas	3,38	1,27
Seminários de Alunos	3,33	1,24
Transparência/Retroprojektor	3,06	1,39
Leituras Durante as Aulas	3,03	1,15
Uso exclusivo do quadro	2,47	1,23

Conforme pode ser visto, as técnicas de ensino preferidas pelos alunos são os estudos de caso, aulas expositivas, aulas baseadas na solução de problemas, discussões em sala, visitas a empresas e as oficinas/workshops, respectivamente. Estas técnicas estão vinculadas a uma ação coletiva, o que indica uma pré-disposição à realização de atividades em grupo. Quanto à aula expositiva, parece curioso ter recebido média alta, uma vez que os princípios da andragogia valorizam a menor participação dos professores e o consequente aumento na participação dos alunos (KNOWLES et al, 2005). Sua média elevada indica que os alunos atribuem grande importância à experiência e ao conhecimento do professor, no exercício do ensino.

As técnicas menos apreciadas foram aulas com uso exclusivo de quadro, leituras durante as aulas, aulas com retroprojektor, seminários apresentados pelos alunos e músicas, respectivamente. Com relação ao uso do quadro, é possível que a baixa preferência seja pelo fato de a aula ser transmitida de forma mais lenta do que quando utilizados recursos tecnológicos, o que provocaria um maior cansaço por parte dos alunos. No tocante ao

retroprojektor, pode-se perceber que o mesmo caiu em desuso em decorrência da crescente utilização de equipamentos de data-show, o que possibilita ainda a associação de uma imagem negativa quanto ao seu uso. A baixa apreciação dos seminários pode ser um indicativo de sua má aplicação, em que os discentes apenas solicitam aos alunos resumos de capítulos e a apresentação de seus temas, sem a sua interferência e maior participação dos demais presentes (MASETTO, 2003). A baixa preferência por músicas pode ser reflexo de sua pouca aplicação nas ciências sociais.

Logo em seguida, no ranking das técnicas menos apreciadas estão a leitura antes das aulas, livro texto predeterminado e leitura de artigos científicos, o que mostra uma desvalorização da leitura por parte dos discentes. Observa-se aí numa indisposição dos alunos em realizar atividades que exijam um maior poder de concentração e dedicação individual em sala de aula. Esse resultado confirma a não colaboração dos alunos com relação ao uso da leitura apresentada por Masetto (2003), o que é preocupante, uma vez que a leitura permite gerar autonomia nos alunos e, por ser individual, se adéqua às diferenças pessoais existentes (GIL, 2009).

## 4.2 Análise fatorial

Após a análise descritiva, foi realizada a análise fatorial, conforme os procedimentos apresentados na seção Método. As 21 técnicas geraram 08 fatores, cada um dos quais formados por 01 a 04 variáveis, conforme pode ser observado na Tabela 2:

**Tabela 2 – Análise fatorial das técnicas de ensino**

	Componente							
	1	2	3	4	5	6	7	8
Aulas expositivas	,552							
Aulas com estudos de caso	,648							
Aulas com leituras prévias			,789					
Aulas com leituras durante								
Aulas com painéis						,859		
Aulas com oficinas	,732							
Aulas com jogos empresariais		,753						
Aulas com dinâmicas de grupo		,765						
Aulas com seminários de alunos								
Aulas com filmes				,849				
Aulas com músicas				,863				
Aulas com discussões em sala	,797							
Aulas com visitas a empresas								
Aulas com leituras de artigos científicos			,744					
Aulas com livros texto								
Aulas com palestrantes								
Aulas baseadas na solução de problemas							,823	
Aulas com pesquisas na Internet					,563			
Aulas com Power Point					,823			
Aulas com retroprojektor					,584			
Aulas exclusivas com quadro								,782

Rotação convergiu em 12 iterações.

Como pode ser observado, as variáveis Aulas com leituras durante, Aulas com seminários de alunos, Aulas com visitas a empresas, Aulas com livros texto e Aulas com palestrantes não carregaram em fator algum. Os 08 fatores extraídos tiveram a nomenclatura aplicada de acordo com o Quadro 3:

Fator	Variáveis	Nome
1	Aulas expositivas, estudos de caso, oficinas/workshops e discussões em sala	Aulas expositivas e atividades participativas
2	Jogos empresariais e dinâmicas em grupo	Jogos e dinâmicas
3	Aulas com leituras anteriores e artigos científicos	Leitura prévia
4	Filmes e músicas	Audiovisuais
5	Aulas com pesquisas na Internet, apresentações em power point e retroprojektor	Apresentações do professor e pesquisas na Internet
6	Aulas com painéis	Painéis
7	Aulas baseadas na solução de problemas	Solução de problemas
8	Aulas com uso exclusivo do quadro	Uso exclusivo de quadro

**Quadro 3 – Nomenclatura dos fatores das técnicas de ensino**

Os fatores são criados de forma que haja correlação entre ele e seus componentes. Assim, o fator 1 possui correlação com as aulas expositivas, estudos de caso, oficinas/workshops e discussões em sala, indicando que essas variáveis possuem comportamento correlato ao fator, de modo ele será utilizado em substituição a elas. Analogamente, nas correlações, o fator 2 substitui as variáveis jogos empresariais e dinâmicas de grupo, e assim sucessivamente.

#### 4.3 Correlações

Para descobrir a relação entre as características dos discentes e as preferências por técnicas de ensino, foram analisadas as correlações entre algumas variáveis demográficas e os fatores apresentados na seção anterior. As correlações obtidas são apresentadas na Tabela 3:

**Tabela 3 – Correlações**

		Idade	Renda per capita	Período atual	Estágio h/semana	Trabalho h/semana	Estudo h/semana
Aulas expositivas e atividades participativas	$\rho$	-0,257*	0,100	-0,003	0,185	-0,096	0,069
	p	0,016	0,391	0,975	0,091	0,384	0,544
Jogos e dinâmicas	$\rho$	-0,171	0,072	-0,459**	-0,088	-0,070	0,043
	p	0,113	0,537	0,000	0,421	0,530	0,706
Leitura prévia	$\rho$	0,096	-0,192	-0,181	-0,252*	0,001	0,232*
	p	0,377	0,096	0,096	0,020	0,995	0,039
Audiovisuais	$\rho$	-0,038	0,001	-0,041	-0,001	-0,104	-0,040
	p	0,726	0,995	0,706	0,995	0,349	0,722
Apresentações do professor e pesquisas na Internet	$\rho$	-0,023	-0,129	0,014	0,066	0,049	0,009
	p	0,833	0,267	0,900	0,549	0,655	0,937
Painéis	$\rho$	0,094	-0,205	0,050	-0,138	0,084	0,024
	p	0,388	0,076	0,650	0,206	0,449	0,831
Solução de problemas	$\rho$	-0,019	0,176	-0,038	-0,062	0,149	0,172
	p	0,862	0,129	0,732	0,574	0,176	0,128
Uso exclusivo de quadro	$\rho$	-0,004	-0,119	0,032	-0,153	0,040	0,221*
	p	0,971	0,304	0,772	0,163	0,715	0,049

\*\* Correlação significativa ao nível de 0,01.

\* Correlação significativa ao nível de 0,05.

Conforme pode ser observado, há baixa correlação negativa (-0,257) entre a idade dos alunos e o fator Aulas Expositivas e Atividades Participativas (formado pelas técnicas aula expositiva, estudos de caso, oficinas/workshops e discussões em sala). Assim, quanto maior a idade dos indivíduos, menor sua preferências por aulas expositivas e atividades participativas. Esse resultado vai de encontro a preceitos andragógicos de Knowles et al (2005), segundo o qual os adultos possuem um volume considerável de experiências, que podem ser utilizadas como recurso de sua própria aprendizagem como facilitadores da educação. A correlação negativa aponta para a tendência de que, quanto mais velhos, menos os discentes apreciam as atividades de estudo de caso, oficinas e discussões em sala, as quais possuem forte caráter andragógico. É possível que esse resultado seja decorrência da mudança do estilo cognitivo dos indivíduos na medida em que amadurecem. Em um estudo que analisa o perfil de alunos de contabilidade, Oliveira Neto et al (2009) expõem que há diferença significativa na pontuação do estilo cognitivo *Group Embedded Figures* (GEFT) quando os indivíduos são agrupados por idade, o que pode lançar uma luz na compreensão do resultado obtido.

A segunda associação que pode ser observada na Tabela 3 é a correlação negativa moderada (-0,459) entre o período do discente e a sua preferência por jogos e dinâmicas. Quanto mais avançado o aluno está em seu curso (maior período) menos eles apreciam jogos empresariais e dinâmicas de grupo. É possível que esse resultado também seja consequência da mudança no estilo cognitivo dos indivíduos na medida em que envelhecem. Outra hipótese é que essas práticas estejam sendo utilizadas de forma pouco interessante para os discentes, de modo que na medida em que avançam no curso, eles reduzem sua preferência. Pode-se ainda inferir que esta correlação possa estar relacionada ao cansaço causado pela rotina de trabalho/estágio do aluno, fazendo-o preferir técnicas de ensino que não envolvam participações mais efetivas, embora não tenha sido encontrada correlação com a carga horária de trabalho ou estágio.

Outro resultado apresentado na Tabela 3 foi a correlação de -,0252 (baixa e negativa) entre as variáveis Leitura Prévia e Horas de Estágio por Semana, o que indica que quanto maior a dedicação dos alunos a estágio, menos eles se interessam por leitura prévia. Essa associação é compreensível, devido ao tempo que a leitura prévia requer, exigindo que o aluno leia os textos em casa, o que entra em choque com as atividades de estágio do discente. Isso está de acordo com Knowles et al (2005), que afirma que adultos têm preocupações e problemas a resolver além das situações de aprendizagem, de modo que o docente deve equilibrar as demandas da experiência de aprendizagem.

Um fato que merece atenção é a inexistência de correlação entre o mesmo fator e a variável Horas de Trabalho por Semana. Uma vez que a atividade profissional também requer tempo do aluno, o raciocínio anterior leva a crer que haveria uma correlação também com ela. A inexistência dessa correlação pode ser vista como uma possível maturidade que os discentes que trabalham têm comparativamente aos discentes que estagiam. Enquanto para esses a dedicação ao estágio atrapalha e os faz preferirem menos a Leitura Prévia, os trabalhadores não têm essa mesma dificuldade.

Por fim, quanto mais os alunos estudam em casa, maior seu interesse por leitura prévia (correlação 0,232) e pelo uso exclusivo de quadro (correlação 0,221). A primeira destas correlações é compreensível, mostrando que quanto mais os alunos estudam em casa, mais eles gostam de Leitura Prévia (fator formado por aulas com leituras anteriores e artigos científicos). A correlação positiva entre as horas de estudo em casa e a preferência quanto ao uso exclusivo do quadro pode indicar que, diante do paradigma dominante no ensino brasileiro que exige do aluno uma posição passiva (FERNANDES, 1998), quanto mais os alunos se dedicam ao estudo em casa mais eles são confortáveis com as aulas que utilizam exclusivamente quadro.

#### 4.4 Diferenças entre médias

Os resultados dos testes de diferenças de médias das preferências pelas técnicas de acordo com o gênero, tipo de instituição e turno estão apresentados na Tabela 4, Tabela 5 e Tabela 6.

**Tabela 4 – Diferenças de Médias com Relação ao Gênero**

Fator	Masculino (n=43)		Feminino (n=44)		Teste Mann-Whitney U	
	Média	DP	Média	DP	Z	p
Aulas expositivas e atividades participativas	-0,136	1,120	0,124	0,879	-1,129	0,259
Jogos e dinâmicas	0,109	0,993	-0,128	1,021	-0,976	0,329
Leitura prévia	-0,109	1,009	0,103	0,993	-0,985	0,325
Audiovisuais	-0,146	1,038	0,138	0,976	-1,375	0,169
Apresentações do professor e pesquisas na Internet	-0,106	0,904	0,083	1,103	-1,282	0,200
Painéis	-0,037	1,097	0,005	0,906	-0,076	0,939
Solução de problemas	0,087	1,044	-0,032	0,953	-0,441	0,659
Uso exclusivo de quadro	-0,118	1,079	0,130	0,928	-1,401	0,161

02 casos com missing values

**Tabela 5 – Diferenças de Médias com Relação ao Tipo de Instituição**

Fator	Pública (n=42)		Privada (n=45)		Teste Mann-Whitney U	
	Média	DP	Média	DP	Z	p
Aulas expositivas e atividades participativas	-0,107	1,187	0,092	0,809	-0,433	0,665
Jogos e dinâmicas	0,184	0,849	-0,192	1,117	-1,334	0,182
Leitura prévia	-0,009	1,111	0,005	0,898	-0,153	0,878
Audiovisuais	-0,123	1,160	0,110	0,846	-0,697	0,486
Apresentações do professor e pesquisas na Internet	-0,291	1,045	0,252	0,908	-2,718	0,007
Painéis	-0,029	0,914	-0,004	1,082	-0,229	0,819
Solução de problemas	0,146	1,078	-0,084	0,908	-1,096	0,273
Uso exclusivo de quadro	-0,176	1,004	0,179	0,990	-1,809	0,070

02 casos com missing values

**Tabela 6 – Diferenças de Médias com Relação ao Turno**

Fator	Manhã (n=22)		Noite (n=58)		Teste Mann-Whitney U	
	Média	DP	Média	DP	Z	p
Aulas expositivas e atividades participativas	-0,039	1,147	0,013	0,976	-0,075	0,940
Jogos e dinâmicas	0,574	0,812	-0,213	0,995	-3,340	0,001
Leitura prévia	0,007	1,003	0,046	0,948	-0,550	0,583
Audiovisuais	0,195	0,934	-0,120	1,053	-1,056	0,291
Apresentações do professor e pesquisas na Internet	-0,220	1,202	0,054	0,948	-0,819	0,413
Painéis	0,100	1,046	-0,081	1,020	-0,690	0,490
Solução de problemas	0,274	0,954	0,014	0,933	-1,099	0,272
Uso exclusivo de quadro	0,175	1,023	-0,055	0,997	-0,797	0,425

02 casos com missing values

Conforme pode ser observado na Tabela 4, não houve diferenças estatisticamente significativas ( $p < 0,05$ ) na preferência pelas técnicas de acordo com o gênero dos discentes. Desse modo, homens e mulheres se comportam de modo indistinto no tocante à preferência pelas técnicas de ensino analisadas.

Observando a Tabela 5, houve diferença estatisticamente significativa ( $p < 0,05$ ) na preferência por Apresentações do professor e pesquisas na Internet entre os discentes de instituições públicas (média -0,291) e privadas (média 0,252). Assim, alunos de instituições

privadas têm maior preferência por aulas com apresentações do professor (seja em retroprojeter ou em Power Point) e pesquisa na Internet do que os discentes de instituições públicas. A preferência dos alunos das faculdades particulares pelas aulas com uso do Power Point e retroprojeter e pesquisa na Internet pode também ser um indicativo de uma maior disponibilidade de recursos tecnológicos das IES privadas comparativamente às IES públicas. Esses recursos permitem aulas mais interativas, evitando cansaço e motivando os alunos para a aula. Convém destacar que o uso de técnicas dessas técnicas pode representar uma maior passividade dos alunos no tocante à construção do conhecimento em sala de aula, sendo mais cômodo escutar o professor apresentar os conteúdos da disciplina.

Observando a Tabela 6, houve diferença estatisticamente significativa ( $p < 0,05$ ) na preferência por Jogos e dinâmicas entre os discentes que estudam pela manhã (média 0,574) e os que estudam à noite (média -0,213). Assim, alunos que estudam pela manhã têm maior preferência por aulas com jogos empresariais e dinâmicas de grupo do que os que estudam à noite. Isso talvez esteja relacionado ao perfil dos alunos da noite que, por terem passado o dia todo em suas atividades, têm menos interesse em atividades que exijam participação ativa do que os alunos da manhã.

## 5 Considerações Finais

O estudo mostrou haver relação entre a preferência por técnicas de ensino e características sociodemográficas dos discentes, o que indica a possibilidade de o docente considerar as características pessoais dos alunos para definir que técnicas de ensino adotar para uma determinada turma/disciplina. Isso permitiria a utilização dos meios de maior aceitação pelos discentes, potencializando a aprendizagem.

Disciplinas ministradas com as tradicionais aulas expositivas incrementadas com atividades que exijam participação dos alunos (em particular, os estudos de caso, aulas baseadas na solução de problemas, discussões em sala, visitas a empresas e oficinas/workshops) tenderão a ser apreciadas pelos discentes. Por outro lado, o uso exclusivo de quadro, leituras durante as aulas, aulas com retroprojeter, seminários apresentados pelos alunos e músicas tendem a ser pouco apreciados pelos discentes. Além disso, a baixa preferência por técnicas associadas à leitura ilustra reclamações de docentes citadas por Masetto (2003) e mostra um possível problema cultural, em que cada vez mais os discentes lêem menos e, por conta disso, perdem grande oportunidade de obter autonomia em sua aprendizagem.

Com exceção da correlação entre período e jogos/dinâmicas, que foi moderada, as demais correlações (negativa entre a idade dos alunos e sua preferência por aulas expositivas e atividades participativas, negativa entre o período em que o aluno se encontra e sua preferência por jogos e dinâmicas, negativa entre as horas de estágio e a preferência por leituras prévia e positiva entre as horas de estudo em casa e as preferências por leitura prévia e uso exclusivo de quadro) foram baixas, o que indica que pouca variância de uma das variáveis é explicada pela outra. Isso pode ser explicado pela complexidade dos fenômenos, uma vez que dificilmente poder-se-á explicar o comportamento dos indivíduos quanto às suas preferências a partir apenas de um aspecto sociodemográfico. Desse modo, há oportunidade para que sejam realizados estudos utilizando ferramentas estatísticas mais poderosas, como técnicas multivariadas.

Um importante ponto a ser observado é que uma correlação não obrigatoriamente indica relação de causa e efeito. Por exemplo, o fato de haver uma correlação negativa entre o período atual do aluno e os jogos e dinâmicas não permite concluir que o avanço no curso é a causa da redução da preferência dos alunos por essas técnicas.

Observa-se que a preferência pelas técnicas de ensino depende bastante de aspectos contingenciais da educação, como o tipo de instituição, período, horas de estágio e horas de estudo por semana. Desse modo, os educadores precisam adaptar seus métodos de ensino, mesmo considerando a mesma disciplina em instituições distintas ou mesmo em turnos diferentes de uma mesma instituição.

Como limitações da pesquisa, podem ser citadas a não consideração das disciplinas ou habilidade dos docentes ao questionar a preferência pelas técnicas, o relativo baixo número de indivíduos pesquisados e a impossibilidade de generalizar os resultados para a população, uma vez que a amostragem foi acidental, ou seja, não-aleatória. Apesar disso, os resultados atendem ao caráter exploratório e descritivo do estudo, a partir do momento em que evidenciam a existência de relação entre as preferências metodológicas dos indivíduos e suas características sociodemográficas, fenômeno que merece uma exploração mais profunda.

Entre as sugestões de trabalhos futuros, estão a realização de uma nova pesquisa com uma amostra aleatória formada por um maior número de discentes e a utilização de técnicas de análise multivariadas, que possuem maior poder de explicação e podem gerar análises mais ricas. Além disso, a análise do perfil cognitivo dos discentes pode lançar luz ao fenômeno em análise, fazendo uma ponte entre as características sociodemográficas e a preferência por técnicas de ensino. Por fim, a utilização de instrumentos de avaliação é um tema que também merece ser analisado e que é adequada a uma pesquisa nos moldes desta.

## Referências

- CAMPOS, Simone Alves Pacheco de; ESTIVALETE, Vania de Fátima Barros; REIS, Eliete dos; LÖBLER, Mauri Leodir. Conhecendo o estilo de aprendizagem e as competências mais valorizadas pelos futuros administradores: um estudo envolvendo alunos de graduação em administração de uma instituição federal de ensino. In: II EnEPQ, 2009, Curitiba. Anais eletrônicos, 2009.
- CHAUÍ, Marilena. A Universidade em Ruínas. In: TRINDADE, Héglio (org.) *Universidade em ruínas na república dos professores*. Petrópolis: Editora Vozes/Cipedes, 2001.
- FERNANDES, Cleoni Maria Barbosa. Formação do Professor Universitário: tarefa de quem? IN: MASSETTO (org). *Docência na Universidade*. São Paulo: Papirus 1998.
- FIELD, Andy. *Discovering statistics using SPSS*. 3 ed. London: Sage Publications, 2005.
- FREITAS, Sheizi C.; SANTOS, Luiz Paulo. Os benefícios das simulações empresariais: Um estudo exploratório. In: *Encontro anual dos Programas de Pós-Graduação em Administração*, 2005, Brasília. Anais Eletrônicos, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. *Didática do Ensino Superior*. São Paulo: Atlas, 2009.
- GODOY, A. S. *Didática para o ensino Superior*. São Paulo. Iglu, 1988.
- GOMES, Maria Eugênia Mendes; ALBUQUERQUE, Lúcia Silva; CARVALHO, José Ribamar Marques de; SANTIAGO, Josicarla Soares; LUCENA, Wenner Gláucio Lopes; RÊGO, Thaiseanny de Freitas. Atributos e práticas pedagógicas do professor de contabilidade que possui êxito em sala de aula: estudo da percepção discente em IES públicas. In: II EnEPQ, 2009, Curitiba. Anais eletrônicos, 2009.
- KNOWLES, M.; HOLTON III, E.; SWANSON, R. *The Adult Learner: The definitive classic in adult education and human resources development*. 6th ed. San Diego: Elsevier, 2005.
- KUMAR, Krishan. *Da sociedade industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- LACERDA, Juliana Ramires; REIS, Sandra Melo; SANTOS, Nálbia de Araújo. Os fatores extrínsecos e intrínsecos que motivam os alunos na escolha e na permanência no curso de

- ciências contábeis: um estudo da percepção dos discentes numa universidade pública. *Enfoque: Reflexão Contábil*. V. 27, n. 1, 2008. p. 67-81.
- MALHOTRA, N. K. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- MALUSÁ, Silvana, Didatoca – Qualidade e aporias das tecnologias da informação e comunicação no Ensino Superior. IN: SCRIPTORI, Carmen Campoy (org). *Universidade e Conhecimento. Desafios e Perspectivas no âmbito da docência, Pesquisa e Gestão*. Campinas. São Paulo. Mercado das Letras, 2004.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 16ª ed. Campinas: Papirus, 2009.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARION, Arnaldo Luís Costa. *Métodos de ensino para cursos de administração: uma análise da aplicabilidade e eficiência dos métodos*. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- MASSETO, Marcos Tarciso. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2003.
- OLIVEIRA, Katya Luciane de; SANTOS, Acácia Aparecida dos. Compreensão em leitura e avaliação da aprendizagem em universitários. *Enfoque: Reflexão Contábil*. V. 18, n. 1, 2005. p. 118-124.
- OLIVEIRA NETO, José Dutra; MIRANDA, Cláudio de Souza; OLIVEIRA, Victor de. Estilos cognitivos: uma pesquisa com estudantes de contabilidade. In: XXXIII EnANPAD, 2009, São Paulo. Anais eletrônicos, 2009.
- PALMER, Parker J. *Good Teaching: A Matter of Living the Mystery*. Change Magazine, Vol. 22, n. 1, 1990. p. 10-16.
- \_\_\_\_\_. J. Palmer. *The Heart of a Teacher: identity and integrity in teaching*. Change Magazine, Vol. 29, n. 6, 1997. p. 14-21.
- PLEBANI, Solange; DOMINGUES, Maria José Carvalho de Souza. A utilização dos métodos de ensino: Uma análise em um curso de Administração. *Revista Angrad*. v.10, n.2, abril/maio/junho, 2009.
- REIS, Luciano Gomes dos; PATON, Claudécir. Análise dos estilos de aprendizagem dos alunos e professores do curso de graduação em ciências contábeis de uma universidade pública do estado do Paraná com a aplicação do inventário de David Kolb. In: XXX EnANPAD, 2006, Salvador. Anais eletrônicos, 2006.
- SCHÖN, Donald. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- TRINDADE, Héliogio. O discurso da crise e a reforma universitária necessária da universidade brasileira. In: MOLLIS, Marcela (org.) *Las universidades en América Latina: ¿reformadas o alteradas? La cosmética del poder financiero*. Buenos Aires: CLACSO, 2003.
- VALENTE, Nelma Terezinha Zubek; ABIB, Diva Brecailo; KUSNIK, Luiz Fabiano. Análise dos estilos de aprendizagem dos alunos e professores do curso de graduação em ciências contábeis de uma universidade pública do estado do Paraná com a aplicação do inventário de David Kolb. In: XXX EnANPAD, 2006, Salvador. Anais eletrônicos, 2006.